

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE (CCS)
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM**

KAMILA ROCHA MAIRINK

**EXPERIMENTAÇÃO E USO ATUAL DE MEDICAMENTOS ENTRE ESCOLARES
DA REGIÃO METROPOLITANA DE VITÓRIA, BRASIL**

**VITÓRIA
2025**

KAMILA ROCHA MAIRINK

**EXPERIMENTAÇÃO E USO ATUAL DE MEDICAMENTOS ENTRE ESCOLARES
DA REGIÃO METROPOLITANA DE VITÓRIA, BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, Campus Maruípe, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientador(a): Prof^a Dr^a Franciele Marabotti Costa Leite

Co-Orientador(a): Dr^a Fernanda Garcia Gabira Miguez

**VITÓRIA
2025**

KAMILA ROCHA MAIRINK

**EXPERIMENTAÇÃO E USO ATUAL DE MEDICAMENTOS ENTRE ESCOLARES
DA REGIÃO METROPOLITANA DE VITÓRIA, BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo, Campus Maruípe, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Aprovado em

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Franciele Marabotti Costa Leite
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Dr.^a Fernanda Garcia Gabira Miguez
Universidade Federal do Espírito Santo
Co-Orientadora

Nathália Miguel Teixeira Santana
Universidade Federal do Espírito Santo

Franciele Foschiera Cambo
Universidade Federal do Espírito Santo

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, por guiar meus passos durante a vida e, principalmente, nesta jornada acadêmica, por me fortalecer nos momentos difíceis e ter me sustentado com sua graça e cuidado.

À Profª Drª Franciele Marabotti Costa Leite, por compartilhar comigo seus conhecimentos desde o 3º período. É muito gratificante fazer parte do LAVISA, dividir momentos de muito aprendizado e fraternidade entre os membros. Sua carreira profissional é admirável, especialmente, por mim.

À meus pais Leni e Marcio, que sempre estiveram ao meu lado na vida. Com palavras não saberia expressar a gratidão pela oportunidade que me deram de ter um estudo de qualidade, mas deixo aqui meus sinceros agradecimentos e reconhecimento pelo grande esforço e dedicação que me criaram.

À minha irmã Karolina e meu cunhado Douglas pelo incentivo, apoio e pela hospedagem, estar com vocês durante o percurso tornou-se mais leve.

E, por fim, aos meus amigos próximos e queridos que de alguma forma contribuíram, mesmo que não percebendo, para eu concluir mais uma etapa, agradeço cada conversa, abraço e apoio a esses.

RESUMO

Objetivo: Analisar a prevalência e os fatores associados à experimentação e o uso atual de medicamentos entre escolares do ensino médio da Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo. **Metodologia:** Estudo do tipo transversal, elaborado com dados de um inquérito de base escolar intitulado “Pesquisa estadual de saúde do escolar capixaba – PESC: uma análise dos escolares do ensino médio”, realizado entre março e dezembro de 2022. O local de coleta deu-se na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) composta por 7 municípios do estado do Espírito Santo. Os critérios de inclusão da pesquisa foram estudantes do Ensino Médio da RMGV, selecionados por meio de amostragem aleatória em dois estágios, sendo o “N” mínimo de 4.416 escolares. Os dados foram coletados por meio de um questionário estruturado respondido diretamente pelo aluno por meio de um Dispositivo Móvel de Coleta – tablet. A experimentação e o uso atual de medicamentos sem prescrição médica foram o desfecho esperado e as variáveis independentes compostas por sexo, faixa-etária, identidade de gênero, raça/cor da pele, classificação socioeconômica, tipo de escola, possuir algum trabalho, emprego ou negócio atualmente, religião e situação conjugal dos pais. **Resultados:** A prevalência do consumo de medicamentos na vida foi de 22,7% (IC95%: 21,5 - 23,9), sendo mais prevalente no sexo feminino (28,5%; IC95%: 26,8–30,3). A análise ajustada mostrou maior prevalência de experimentação e uso atual de medicamentos sem prescrição entre estudantes do sexo feminino, LGBTQIA+, de classe socioeconômica elevada e com vínculo de trabalho. **Conclusão:** Os dados deste estudo evidenciaram a prevalência de experimentação e uso de medicamentos, sem prescrição médica, entre escolares da RMGV. Após o ajuste por fatores de confusão, a associação com algumas variáveis manteve-se significativa, tanto para o uso ao longo da vida, quanto para o uso atual. Diante do exposto, compreender essas práticas e suas variáveis permite subsidiar políticas públicas voltadas a mitigar a problemática.

Palavras chaves: Medicações; Uso indevido de medicações; Adolescentes; Saúde adolescente.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Consumo de medicamentos ao longo da vida e uso atual entre os escolares do ensino médio da Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo, março a dezembro de 2023(N=4613).	13
Tabela 2 - Distribuição do uso de medicamentos ao longo da vida e uso atual entre os escolares do ensino médio da Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo, março a dezembro de 2023 (N=4613).....	13
Tabela 3 – Razão de prevalência bruta e ajustada da experimentação de medicamentos entre os escolares do ensino médio da Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo, março a dezembro de 2023.	15
Tabela 4 – Razão de prevalência bruta e ajustada do uso atual de medicamentos entre os escolares do ensino médio da Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo, março a dezembro de 2023.	16

Sumário

1. Introdução.....	6
2. Métodos	8
2.1 Delineamento do estudo	8
2.2 Contexto.....	8
2.3 Participantes.....	8
2.4 Coleta de dados.....	9
2.5 Desfecho	9
2.6 Independentes	9
2.7 Análise de dados	9
3. Resultados	11
4. Discussão	16
Conclusão	20
Referências.....	21

1. Introdução

O acesso aos medicamentos proporcionou à sociedade benefícios que envolvem a prevenção, manutenção e recuperação da saúde, contribuindo, de forma geral, para prolongar a vitalidade humana (Anvisa, 2010). No entanto, apesar desses avanços inegáveis, o uso irracional de medicamentos configura-se como um problema de saúde pública, uma vez que sua utilização inadequada resulta em riscos para a saúde (Leite; Vieira; Veber, 2008).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais da metade de todos os medicamentos são dispensados, vendidos e prescritos incorretamente, além disso, acima de 50% de todos os países não realizam políticas básicas para promover o uso racional deles. Não obstante a realidade, no Brasil, a utilização incorreta de medicamentos está relacionada com a prescrição não orientada por diretrizes técnicas e clínicas estabelecidas por órgãos reguladores e sociedades científicas, automedicação inapropriada e a ampla disponibilidade de medicamentos para compra no mercado. (Ministério da Saúde, 2012).

Segundo um levantamento feito pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), no ano de 2019, 77% dos brasileiros consumiram medicamentos por conta própria entre julho e dezembro. Esse fenômeno também ocorre entre os jovens com idade de 16 a 24 anos, cerca de 69% deles alteram a posologia do medicamento. Além disso, a facilidade de acesso ao remédio foi um fator determinante para a automedicação nesse grupo (Horvatich, 2019).

A adolescência é marcada como um período de transformações biológicas, sociais e psicológicas que favorecem a construção do autoconceito, identidade e outros aspectos mais complexos no âmbito das relações sociais do indivíduo. Nesse contexto, a vulnerabilidade própria dessa etapa do desenvolvimento aumenta a probabilidade de condutas de riscos à saúde. Tais condições, somadas a busca por pertencimento, podem predispor o adolescente à experimentação de medicamentos sem prescrição médica, seja por busca de alívio emocional, mudanças corporais ou adequação social (Reis *et al*, 2013).

Nessa perspectiva, a crescente busca pelo corpo perfeito na sociedade contemporânea associada à pressão estética e à internalização de padrões irreais, potencializada pelo acesso às mídias digitais, cria um ambiente propício à insatisfação corporal entre os jovens. Assim, a busca por resultados rápidos contribui significativamente para a tomada de decisões lesivas à saúde, como o uso de medicamentos emagrecedores e anabolizantes entre os adolescentes (Iriart *et al*, 2009).

Outra problemática é o uso de medicamentos entorpecentes e psicoativos entre os adolescentes. A primeira experiência com drogas e substâncias psicoativas ocorre

frequentemente nessa faixa etária. Isso evidencia a importância de estudar esse fenômeno entre os jovens, visto que, movidos pela curiosidade e influência, essas substâncias são consumidas de forma experimental (Muza *et al*, 1997).

O Comitê Nacional para a Promoção do Uso Racional de Medicamentos reforça a importância e a necessidade de ações para conter os abusos relacionados ao uso de medicamentos. Entre as recomendações estratégicas para chegar ao objetivo proposto está o incentivo à discussão sobre a problemática, a soma dos esforços com outros trabalhos já desenvolvidos e o estímulo à produção científica nas áreas relacionadas (Ministério da Saúde, 2019). Com esse intuito, o presente estudo tem por objetivo analisar a prevalência e os fatores associados à experimentação e ao uso atual de medicamentos entre escolares do ensino médio da Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo.

2.Métodos

2.1 Delineamento do estudo

Esse estudo possui delineamento transversal, realizado com dados de um estudo de base escolar intitulado “Pesquisa estadual de saúde do escolar capixaba - PESC: uma análise dos escolares do ensino médio”, conduzido de março a dezembro de 2022. Sendo o estudo piloto realizado em dezembro de 2021. O estudo epidemiológico transversal permite a observação do comportamento de uma ou mais variáveis em grupo de sujeitos que se encontram em momentos ou estratos diferentes. Além disso, a pesquisa emprega a modalidade quantitativa que utiliza a descrição matemática como linguagem, assim as variáveis predeterminadas e os resultados são mensurados e expressos numericamente. (Apolinário, 2011. p.76 e p.150).

2.2 Contexto

A realização do estudo deu-se na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) composta por 7 municípios do estado do Espírito Santo, sendo eles Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica, Viana, Guarapari e Fundão (Estado do Espírito Santo, 2001). A população estimada para o ano de 2022 era de 1.880.828 pessoas, isso representa cerca de 49% da população capixaba (Instituto Jones dos Santos Neves, 2022). Não há dados específicos sobre a população de adolescentes na RMGV, mas estima-se que 63.255 alunos estão matriculados no Ensino Médio. Essa região possui 171 escolas de Ensino Médio, entre públicas e privadas (IBGE 2023).

2.3 Participantes

Os critérios de inclusão para o público da pesquisa foram estudantes do Ensino Médio da RMGV. O processo de amostragem foi baseado nos dados do INEP 2020 para a seleção das escolas e separada de acordo com a proporção de estudantes em cada estrato: Rede pública e Rede privada. Para cada estrato, foram calculados um “N” usando amostragem aleatória simples, corrigidas para amostras complexas em um segundo momento usando SPSS 26, garantindo 95% de confiança e erro máximo de 5%. E para os estratos de município foram garantidos como parâmetros da amostra 95% de confiança e erro máximo de 10%, sendo a amostra mínima de 4.416.

2.4 Coleta de dados

O questionário foi respondido diretamente pelo aluno por meio do Dispositivo Móvel de Coleta - tablet, na qual estava inserido o questionário estruturado. A escolha desse instrumento teve o objetivo de agilizar o processo de execução da pesquisa, visto que, por ser uma tecnologia conhecida, desperte maior interesse dos adolescentes em participar da coleta de dados, além de menor dificuldade no manuseio.

2.5 Desfecho

Os desfechos em estudo foram a experimentação (sim/não) e o uso atual de medicamentos sem prescrição médica (sim/não). Os desfechos foram construídos a partir do uso de **remédios para emagrecer** (*ritalina, anfepramona, femproporex, mazindol, hipofagin, inibex, desobesi, moderine, absten, fagolipo e dualid*), e/ou **anabolizantes** (*anabolex, androlone, androviron, decadurabolin, durabolin, durateston, equipoise e parabolon*), e/ou **tranquilizantes** (*diazepam, dienpax, valium, lorax, rohypnol, psicosedin, somalium, apraz, rivotril, dormonid, bromazepam, frontal, olcadil e zolpidem*) e/ou **entorpecentes** (*morfina, cetamina, tylex, setux, sylador, tramal, dolantina, fentanil e belacodid*).

2.6 Independentes

As variáveis independentes são compostas por: sexo (feminino/masculino), faixa-etária (14 a 15/ 16 a 17/ 18 a 19/), Identidade de Gênero (Cisgênero/ não cisgênero), Orientação sexual (Heterossexual/LGBTQIA+), Raça/cor da pele (Branca(o)/Preta(o)/Parda(o)), Estado Civil (Com companheiro/ Sem companheiro), Classificação Socioeconômica (A/ B1, B2/ C1,C2,C3/D/E), Tipo de escola (Pública/ Privada), Atualmente, possui algum trabalho, emprego ou negócio (Não/Sim), Religião (Nenhuma/Católica/Evangélica/Outras), Situação conjugal dos pais - vivem juntos (Sim/Não).

2.7 Análise de dados

Os dados foram primeiramente apresentados mediante frequência absoluta, frequência relativa e intervalo de confiança de 95% (IC95%). Posteriormente os dados foram avaliados através de análise bivariada com uso do teste Qui-quadrado de Pearson para estabelecer possíveis relações e a análise multivariada bruta e ajustada através da Razão de Prevalência com variância robusta por Regressão de Poisson, sendo considerada para entrada no ajuste as

variáveis com significância estatística em 0,20 e mantidas aquelas com valor de $p < 0,05$. As análises de dados foram conduzidas no programa estatístico Stata 17.0.

3. Resultados

A partir das informações apresentadas, concentramos a distribuição do uso de medicamentos na vida e do uso atual sem prescrição médica entre os escolares do Ensino Médio da Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo, no período de março a dezembro de 2023.

Tabela 1. Consumo de medicamentos ao longo da vida e uso atual entre os escolares do ensino médio da Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo, março a dezembro de 2023(N=4613).

Variáveis	Amostra Geral			Feminino			Masculino		
	N	%	IC95%	N	%	IC95%	N	%	IC95%
Uso de medicamentos na vida									
Não	3567	77,3	76,1-78,5	1790	71,5	69,7-73,2	1777	84,3	82,7-85,8
Sim	1046	22,7	21,5-23,9	715	28,5	26,8-30,3	330	15,7	14,2-17,3
Uso atual de medicamentos									
Não	4260	92,4	91,5-93,1	2247	89,7	88,4-90,8	2013	95,5	94,6-96,3
Sim	353	7,7	6,9-8,5	258	10,3	9,2-11,6	94	4,5	3,7-5,4

*1 missing no sexo masculino

Observa-se que a prevalência do uso na vida foi de 22,7% (IC95%: 21,5 - 23,9) na amostra geral. As estudantes do sexo feminino (28,5%; IC95%: 26,8–30,3) têm maior experimentação na vida em comparação aos do sexo masculino (15,7%; IC95%: 14,2–17,3). Além disso, 7,7% (IC95%: 6,9 - 8,5) dos participantes referiram uso atual dos medicamentos, sendo mais prevalente também entre estudantes do sexo feminino (10,3%; IC95%: 9,2 -11,6) em relação ao sexo masculino (4,5%; IC95%: 3,7 - 5,4) (Tabela 1)

Tabela 2 - Distribuição do uso de medicamentos ao longo da vida e uso atual entre os escolares do ensino médio da Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo, março a dezembro de 2023 (N=4613).

Variáveis	MEDICAMENTOS AO LONGO DA VIDA				USO ATUAL DE MEDICAMENTOS			
	N	%	IC95%	p-valor	N	%	IC95%	p-valor
Sexo				<0,001				<0,001
Feminino	715	28,5	26,8-30,3		258	10,3	9,2-11,6	
Masculino	330	15,7	14,2-17,3		94	4,5	3,7-5,4	
Idade (anos)				0,168				0,405
14 a 15	213	22,0	19,5-24,7		84	8,7	7,0-10,6	
16 a 17	678	22,3	20,9-21,8		223	7,3	6,5-8,3	
18 a 19	155	25,7	22,3-29,3		46	7,6	5,8-10,0	
Identidade de Gênero				<0,001				0,001
Cisgênero	948	22,0	20,7-23,2		315	7,3	6,6-8,1	
Não cisgênero	96	32,9	27,8-38,5		37	12,7	9,3-17,7	
Orientação Sexual				<0,001				<0,001

Heterossexual	700	19,1	17,9-20,4		215	5,9	5,2-6,7	
LGBT+	345	36,4	33,4-39,5		137	14,4	12,3-16,8	
Raça/ Cor da pele				0,726				0,098
Branca(o)	387	21,8	19,9-23,8		125	7,0	5,9-8,3	
Preta(o)	173	22,8	19,9-25,9		71	9,3	7,5-11,6	
Parda(o)	445	22,8	21,0-24,8		139	7,1	6,1-8,4	
Estado civil				<0,001				0,045
Com companheiro	324	26,4	24,0-28,9		243	7,2	6,4-8,1	
Sem companheiro	722	21,3	20,0-28,9		110	9,0	7,5-10,7	
Classificação Socioeconômica				0,001				0,001
A	212	27,8	24,7-31,2		212	27,8	24,7-31,1	
B1/B2	465	21,4	19,7-23,1		465	21,4	19,8-23,1	
C1/C2/D/E	367	22,0	20,1-24,1		367	22,0	20,1-24,1	
Tipo de escola				0,087				0,140
Pública	678	21,9	20,5-23,4		224	7,3	6,4-8,2	
Privada	368	24,2	22,1-26,4		129	8,5	7,2-10,0	
Atualmente, possui algum trabalho, emprego ou negócio				0,054				0,012
Não	769	22,0	20,7-23,4		248	7,11	6,3-8,0	
Sim	277	24,8	22,3-27,4		105	9,4	7,8-11,2	
Religião				<0,001				<0,001
Nenhuma	268	24,6	22,1-27,3		95	8,7	7,2-10,6	
Católica	242	20,5	18,3-22,9		79	6,7	5,4-8,3	
Evangélica	406	20,2	18,5-22,0		132	6,6	5,6-7,7	
Outras	130	38,5	33,4-43,8		47	13,9	10,7-18,0	
Situação conjugal dos pais - vivem juntos				0,036				0,455
Sim	517	21,4	19,8-23,1		178	7,4	6,4-8,5	
Não	519	24,0	22,2-25,8		172	8,0	6,9-9,2	

N: frequência absoluta.

%: frequência relativa.

IC95%: intervalo de confiança de 95%.

Ao analisar as variáveis independentes na tabela 2, em relação ao uso de medicamentos ao longo da vida, observou-se maior predomínio no sexo feminino (28,5%; IC 95%: 26,8 – 30,3). O percentual foi semelhante entre as faixas etárias, variando de 22% (idade entre 14 a 15 anos, IC95%: 19,5 – 24,7) a 25,7% (idade entre 18 a 19 anos, IC95%: 22,3 – 29,3). Quanto à identidade de gênero, estudantes não cisgênero apresentaram maior prevalência de uso ao longo da vida (32,9%; IC95%: 27,8 – 38,5), em comparação aos cisgênero (22,0%; IC95%: 20,7 – 23,2). De modo semelhante, escolares LGBTQIA+ (36,4%; IC95%: 33,4 - 39,5) em relação aos heterossexuais (19,1%; IC95%: 17,9 - 20,4).

O levantamento não identificou diferenças significativas quanto ao uso de medicamentos ao longo da vida e sua relação com a raça/cor da pele ($p=0,726$). Entretanto, os participantes com companheiro(a) apresentam maior prevalência (26,4%; IC95%: 24,0 - 28,9) em comparação aos sem companheiro(a) (21,3%; IC95%: 20,0 - 28,9). De igual modo, o maior

percentual dentro do quesito classificação socioeconômica foi a “A” (27,8%; IC95%: 24,7–31,2). O tipo de escola, sendo pública ou privada, não teve valor estatisticamente significativo ($p=0,087$), nem a ocupação profissional ($p=0,054$). No que tange à variável religião, as maiores prevalências foram observadas entre os alunos que relataram “outras religiões” (38,5%; IC95%: 33,4 - 43,8) e “nenhuma” (24,6%; IC95%: 22,1–27,3). O uso foi maior também entre os participantes em que os pais não vivem juntos (24%; IC95%: 22,2 – 25,8). (Tabela 2)

Já na análise estratificada dos fatores socioeconômicos dos escolares que relataram uso atual de medicamentos, a prevalência permaneceu maior no sexo feminino (10,3%; IC95%: 9,2 – 11,6), em não cisgêneros (12,7%; IC95%: 9,3 – 17,7), LGBTQIA+ (14,4%; IC95%: 12,3 – 16,8), estudantes sem companheiro (9%; IC95%: 7,5 – 10,7), classificação socioeconômica “A” (27,8%; IC95: 24,7 – 31,1), os que têm algum vínculo de trabalho (9,4%; IC95%: 7,8 – 11,2) e possuem “outras” religiões (13,9%; IC95%: 10,7 – 18). Não foram observadas diferenças significantes entre faixa etária ($p=0,405$), raça/ cor da pele ($p=0,098$), escola pública ou privada ($p=0,140$) e se os pais vivem juntos ou não ($p=0,455$). (Tabela 2)

Tabela 3 – Razão de prevalência bruta e ajustada da experimentação de medicamentos entre os escolares do ensino médio da Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo, março a dezembro de 2023.

Variáveis	EXPERIMENTAÇÃO DE MEDICAMENTOS					
	RP bruto	IC95%	p-valor	RP ajustada	IC95%	p-valor
Sexo			<0,001			<0,001
Feminino	1,82	1,62-2,05		1,67	1,48-1,89	
Masculino	1,0			1,0		
Idade (anos)			0,159			0,044
14 a 15	1,0			1,0		
16 a 17	1,02	0,89-1,16		1,05	0,92-1,20	
18 a 19	1,17	0,98-1,40		1,24	1,04-1,48	
Identidade de Gênero			<0,001			0,173
Cisgênero	1,0			1,0		
Não cisgênero	1,50	1,26-1,78		1,13	0,95-1,35	
Orientação Sexual			<0,001			<0,001
Heterossexual	1,0			1,0		
LGBTQIA+	1,90	1,71-2,12		1,55	1,37-1,74	
Raça-cor da pele			0,726			-
Branca(o)	1,0			-	-	
Preta(o)	1,04	0,89-1,22		-	-	
Parda(o)	1,04	0,93-1,18		-	-	
Estado civil			<0,001			0,159
Com companheiro	1,24	1,10-1,39		1,09	0,97-1,74	
Sem companheiro	1,0			1,0		
Classificação Socioeconômica			0,001			<0,001
A	1,26	1,09-1,46		1,36	1,18-1,57	
B	0,97	0,86-1,09		1,01	0,90-1,14	
C//D/E						
Tipo de escola			0,086			0,338
Pública	1,0			1,0		

Privada	1,10	0,99-1,23		1,06	0,94-1,21	
Atualmente, possui algum trabalho, emprego ou negócio			0,052			0,018
Não	1,0			1,0		
Sim	1,13	1,00-1,27		1,15	1,02-1,29	
Religião			<0,001			<0,001
Nenhuma	1,0			1,0		
Católica	0,83	0,72-0,97		0,95	0,81-1,11	
Evangélica	0,82	0,72-0,94		0,96	0,83-1,10	
Outras	1,56	1,32-1,85		1,50	1,27-1,77	
Situação conjugal dos pais - vivem juntos			0,036			0,241
Sim	1,0			1,0		
Não	1,12	1,01-1,25		1,07	0,96-1,91	

Após os ajustes para os fatores de confusão, o estudo indicou que estudantes do sexo feminino apresentaram uma prevalência 67% maior em comparação aos do sexo masculino (RPa= 1,67; IC95%: 1,48 - 1,89; p<0,001) de experimentação de medicamento sem a prescrição médica. Além disso, foi observada maior frequência no uso ao longo da vida na faixa etária de 18 a 19 anos (RPa= 1,24; IC95%: 1,04 - 1,48; p=0,044), quando comparado ao grupo de 14 e 15 anos. De igual modo, participantes LGBTQIA+ (RPa: 1,55), de classificação econômica mais elevada (RPa: 1,36), que declararam seguir “outras religiões que não evangélicas e católicas (RP: 1,50) e aqueles que possuíam trabalho (RPa: 1,15), apresentaram maiores prevalências de experimentação de medicamentos sem prescrição médica (Tabela 3).

Tabela 4 – Razão de prevalência bruta e ajustada do uso atual de medicamentos entre os escolares do ensino médio da Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo, março a dezembro de 2023.

Variáveis	USO ATUAL DE MEDICAMENTOS					
	RP bruto	IC95%	p-valor	RP ajustada	IC95%	p-valor
Sexo			<0,001			<0,001
Feminino	2,31	1,84-2,90		2,12	1,65-2,72	
Masculino	1,0			1,0		
Idade (anos)			0,404			-
14 a 15	1,0			-	-	
16 a 17	0,85	0,67-1,08		-	-	
18 a 19	0,88	0,63-1,24		-	-	
Identidade de Gênero			0,001			0,594
Cisgênero	1,0			1,0		
Não cisgênero	1,74	1,26-2,39		1,10	0,78-1,56	
Orientação Sexual			<0,001			<0,001
Heterossexual	1,0			1,0		
LGBTQIA+	2,50	2,01-3,01		2,04	1,64-2,54	
Raça-cor da pele			0,097			0,019
Branca(o)	1,0			1,0		
Preta(o)	1,33	1,00-1,75		1,49	1,13-1,96	
Parda(o)	1,01	0,80-1,28		1,13	0,90-1,42	
Estado civil			0,044			0,930

Com companheiro	1,25	1,01-1,55		0,99	0,79-1,25	
Sem companheiro	1,0			1,0		
Classificação Socioeconômica			<0,001			<0,001
A	1,85	1,42-2,40		2,27	1,73-2,97	
B	1,04	0,82-1,32		1,20	0,94-1,54	
C//D/E	1,0			1,0		
Tipo de escola			0,140			0,649
Pública	1,0			1,0		
Privada	1,20	0,95-1,44		1,06	0,82-1,37	
Atualmente, possui algum trabalho, emprego ou negócio			0,012			0,003
Não	1,0			1,0		
Sim	1,32	1,06-1,65		1,39	1,12-1,74	
Religião			<0,001			0,129
Nenhuma	1,0			1,0		
Católica	0,77	0,58-1,02		0,90	0,66-1,22	
Evangélica	0,75	0,58-0,97		0,90	0,68-1,18	
Outras	1,59	1,15-2,21		1,32	0,94-1,86	
Situação conjugal dos pais - vivem juntos			0,455			-
Sim	1,0			-	-	
Não	1,08	0,88-1,32		-	-	

Na análise ajustada, a prevalência de uso atual de medicamentos no sexo feminino (RPa = 2,12; IC95%: 1,65 - 2,72; p<0,001) foi cerca de duas vezes maior em relação ao masculino. Estudantes LGBTQIA+ também apresentaram maiores frequências (RPa = 2,04; IC95%: 1,64–2,54; p<0,001) em comparação aos heterossexuais. Em relação à raça/cor da pele, observa-se entre os adolescentes autodeclarados pretos o maior uso atual de medicação sem prescrição médica (RPa: 1,49). O uso atual de medicamentos é duas vezes maior entre os estudantes de classe econômica “A” (RPa= 2,27; IC95%: 1,73 - 2,97; p<0,001) e mais frequente entre os que possuíam trabalho (RP ajustada = 1,39; IC95%: 1,12 - 1,74; p=0,003) (Tabela 4).

4. Discussão

O presente estudo mostra uma quantidade relevante de adolescentes que relataram o uso atual e alguma vez na vida de medicamentos sem prescrição médica. Esse resultado corrobora com achados nacionais que reforçam a alta prevalência de consumo de remédios entre os jovens. Uma pesquisa transversal realizada em Porto Alegre, que avaliou medicamentos em partes semelhantes ao desse estudo, apontou que 50% dos estudantes, aproximadamente, relataram ter utilizado medicamentos nos sete dias anteriores à coleta de dados. Parte desse consumo pode ser associado à prática da automedicação, que é facilitada pelo fácil acesso a medicamentos sem prescrição médica, adquiridos diretamente em farmácias ou encontrados estocados em casa. Soma-se a essa problemática a exposição a campanhas que se tornam prejudiciais, pois promovem e estimulam o consumo mesmo na ausência de orientação profissional a indivíduos que podem não ter uma postura crítica a ponto de reconhecerem o limite do uso (Silva, 2004).

Outro fator que justifica essa conduta entre escolares é a limitação do conhecimento sobre o uso racional da medicação. A baixa compreensão sobre indicações, dosagens e aplicação do fármaco tem sido apontada como um dos determinantes para comportamentos de riscos, como praticar polifarmácia, tomar medicamentos com dosagens excessivas e não ler a bula. Um estudo internacional reforçou essa compreensão ao demonstrar que adolescentes com baixo nível de conhecimento sobre medicamentos apresentaram maior prevalência de automedicação (Lee, 2017). Além disso, a forma como os adolescentes percebem sua própria saúde influencia diretamente suas práticas de cuidado. De acordo com Godinho *et al* (2022), adolescentes que apresentam uma visão ruim da sua saúde tendem a utilizar mais medicamentos de diferentes classes terapêuticas, o que reforça a associação entre percepção negativa da saúde e o maior consumo de medicamentos (Godinho *et al* 2022).

O ciclo de amizade configurou-se como um dos principais meios de acesso a medicamentos tranquilizantes e sedativos não prescritos entre adolescentes, segundo Opaleye (2013). A busca por sensações e efeitos recreativos esteve associada à aquisição desses medicamentos através de amigos, sendo essa prática de compartilhamento entre pares comum, especialmente entre jovens que já tiveram prescrições legítimas. Desse modo, a vulnerabilidade que a ausência de conhecimento sobre os riscos do uso descontrolado desses fármacos evidencia a gravidade da problemática do uso de substância de alto risco entre escolares (Opaleye *et al* 2013).

A maior prevalência do desfecho desse estudo foi observada em adolescentes do sexo feminino em todas as análises, sendo elas na experimentação de medicamentos ou uso atual.

Pesquisadores nacionais reafirmam esse resultado, como demonstrado em um estudo de coorte realizado em Pelotas que constatou que as mulheres usam mais medicamentos do que os homens significativamente, mesmo quando os anticoncepcionais são excluídos das análises (Bertoldi *et al* 2014). De forma semelhante, padrões internacionais reafirmam essa diferença entre os gêneros: uma análise Internacional do tipo transversal conduzida na Espanha com estudantes, entre 2016 e 2021, observou que o uso não prescrito de tranquilizantes – como exemplo benzodiazepínicos – e hipnóticos entre meninas eram cerca de duas vezes maiores quando comparado aos meninos. Além disso, as variáveis associadas de forma independente e significativa a essa maior probabilidade foram o uso de álcool e *cannabis* nos últimos 30 dias (Carrasco-Garrido *et al* 2024).

Dessa forma, a incorporação de uma nova perspectiva de gênero no uso de substâncias psicoativas permite ampliar a compreensão dos diferentes padrões de consumo entre homens e mulheres. Algumas das causas têm sido a maior incidência de quadros depressivos e ansiosos entre as mulheres, mesmo na adolescência, e sua posição desigual em comparação aos homens. Considera-se também que essa população tende a perceber e relatar seus sintomas com maior frequência, o leva a procurar mais os serviços de saúde e contribuir para um processo de medicalização de suas experiências emocionais, que, posteriormente, utilizam esses medicamentos com alteração na posologia da forma como querem (Carrasco-Garrido *et al* 2024).

Os estudantes pertencentes à classe econômica “A” nesse estudo apresentaram maior prevalência de uso atual e experimentação de medicamentos em comparação àqueles das classes C/D/E. A associação manteve-se estatisticamente significativa mesmo após o ajuste das variáveis de confusão, indicando que a amostra com maior poder aquisitivo apresenta uma prevalência de uso atual de medicamentos quase 2,3 vezes superior em comparação àqueles das classes C/C/E. Esses resultados corroboram com uma pesquisa Nacional do tipo transversal realizada nas 27 capitais brasileiras com escolares do ensino médio de escolas públicas e privadas em que evidência o uso não prescrito de tranquilizantes/sedativos, sendo mais comum entre aqueles com classes sociais mais altas e os que frequentavam escolas particulares (Opaleye, 2013). Vale ressaltar que o presente estudo não diferencia escola privada ou pública na análise dos dados, mas apresenta fármacos e resultados semelhantes.

De acordo com pesquisadores, uma possível hipótese para explicar o maior consumo de medicamentos não prescritos em estudantes de classe “A” é que famílias com condições econômicas mais favoráveis têm mais acesso aos serviços de saúde e, conseqüentemente, maior acesso dos adolescentes a esses fármacos, que muitas das vezes estão ao alcance nas suas

próprias casas, ampliando o uso indevido entre os membros da família. Por outro lado, pessoas em condições de vulnerabilidade econômica possuem menor acesso a serviços de saúde, isso pode contribuir para limitar a exposição desses jovens a essas medicações no ambiente familiar e ciclo de amigos. Por fim, percebe-se que o uso indevido de medicamentos psicotrópicos pode também estar associado ao acesso privilegiado e de maior consumo entre camadas sociais econômicas favorecidas (Opaleye *et al* 2014) (Subramanian *et al* 2002).

O uso de substâncias entre adolescentes LGBTQIA+ ainda é pouco explorado na literatura, embora represente um importante achado para entender as questões de saúde pública que envolvam essa população como a vulnerabilidade social e os desafios psicossociais enfrentados. O atual estudo apontou que a prevalência da experimentação de medicamento foi quase 2 vezes maior entre escolares LGBTQIA+ em comparação aos heterossexuais, essa relação manteve-se para o uso atual de medicamentos passando a ser 2,5 mais prevalente entre eles, a associação esteve presente também nas duas categorias para a variável “não cisgênero”. Tais resultados estão em consonância com um estudo internacional do tipo transversal baseado em uma análise de dados dos Estados Unidos que demonstrou que adolescentes de minorias sexuais, independentemente do sexo, apresentaram maior probabilidade de relatar uso indevido de esteroides anabolizantes androgênicos (EAA) em níveis moderados ou graves, quando comparados com seus pares heterossexuais e em conformidade de gênero. Essa pesquisa também revelou que escolares que relatam não conformidade de gênero têm motivos diferentes de uso: enquanto para as meninas pode estar relacionado a busca por características corporais intituladas mais masculinas, para os meninos pode estar associado à insatisfação com o próprio corpo e à tentativa de se adequar a um ideal de masculinidade, centrado em uma musculatura maior (Li *et al* 2024).

Assim, um fator a ser considerado é a teoria do estresse de minoria que explica esse tipo de comportamento como uma resposta aos impactos do estigma social, da rejeição e da discriminação, sendo o uso de substâncias um possível mecanismo de enfrentamento frente aos conflitos vividos por esses adolescentes (Flentje *et al* 2020). Outro estudo internacional reforçam esses achados ao apontar que adolescentes do sexo masculino pertencentes a minorias sexuais apresentaram uma prevalência significativamente maior de uso indevido de esteroides anabolizantes androgênicos (EAA) ao longo da vida, atribuindo esse comportamento aos efeitos do estresse minoritário e à maior insatisfação corporal, fatores que podem atuar como motivadores e como forma de enfrentamento e busca por adequação a padrões estéticos ou de identidade de gênero (Blashill e Safren 2014).

A literatura aponta para os riscos associados ao uso não prescrito de medicamentos na adolescência, porém as consequências desse comportamento nem sempre estão explícitas ou sistematizadas. Evidências disponíveis sugerem que o uso de tranquilizantes sem prescrição está frequentemente associado à automedicação e ao consumo simultâneo de álcool e outras drogas, mostrando um padrão de vulnerabilidade ampliada (Schenker e Minayo 2005). De forma semelhante, o consumo de estimulantes, como metilfenidato e anfetaminas, tem sido relacionado a dependência, prejuízos escolares e maior risco de transtornos por uso de substâncias na vida adulta (McCabe *et al* 2017). No caso dos anabolizantes, destacam-se impactos diversos cardiovasculares, psiquiátricos e reprodutivos, enquanto o uso recreativo de opioides pode levar à tolerância, dependência e risco de overdose (Silva *et al* 2014).

Este estudo apresenta algumas limitações. A primeira refere-se à natureza transversal do estudo, o que dificulta estabelecer relações de causalidade e pode favorecer a ocorrência de causalidade reversa, atrapalhando a determinação da sequência entre exposição e desfecho. Outra limitação é a possibilidade de viés de memória na obtenção dos dados, a coleta de informações baseou-se em autorrelato o que pode ocorrer dos participantes não recordar com precisão o nome ou a classe dos medicamentos, preenchendo de forma incorreta o questionário. Além disso, considera-se o viés de informação que pode ter levado a omissão de dados, seja pelo esquecimento ou pela relutância em declarar práticas socialmente não aceitas.

Conclusão

Os dados apresentados no estudo evidenciaram uma porcentagem relevante do uso atual e ao longo da vida de medicamentos sem prescrição entre adolescentes do Ensino Médio da Região Metropolitana da Grande Vitória. A prevalência do consumo foi maior no sexo feminino, em escolares não cisgênero, LGBTQIA+, com classificação econômica “A” e aqueles que possuíam algum vínculo de trabalho. Após o ajuste para os fatores de confusão, a associação com as variáveis destacadas permaneceu relevante. Desse modo, os achados reforçam a complexibilidade da automedicação entre os adolescentes, que envolve não apenas questões de acesso e disponibilidade de medicamentos, mas também aspectos psicossociais e culturais. Outro ponto evidenciado é a influência do ambiente doméstico e do ciclo social como fatores determinantes que potencializam o uso inadequado de substâncias entre os escolares. Assim, os resultados dessa pesquisa mostram a necessidade de estratégias intersetoriais que realizem ações de educação em saúde e promovam políticas públicas voltadas à promoção do uso racional de medicamentos entre os estudantes.

Referências

- APOLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico, 2ª edição**. Rio de Janeiro: Atlas, 2011. *E-book*. pág.76. ISBN 9788522466153. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522466153/>. Acesso em: 07 abr. 2025.
- ESTADO DO ESPIRÍTO SANTO. **Lei complementar nº 204, de 21 de junho de 2001**. Institui a Região Metropolitana da Grande Vitória - RMFV. Espírito Santo: Governo do Estado e Secretária de Estado da Justiça, 2001. Disponível em: <https://www3.al.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/LC204.html#:~:text=no%20%C3%A2mbito%20metropolitano,-.Art.,Viana%2C%20Vila%20Velha%20e%20Vit%C3%B3ria>. Acesso em: 09 abril de 2025.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. População. IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/vitoria/panorama>. Acesso em: 22 de Abril de 2025
- INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES - IJSN. **Resultado do Censo 2022 e análise da população das Regiões Metropolitanas (RMs), com ênfase na RMGV**. Disponível em: <https://ijsn.es.gov.br/publicacoes/resenhas/resultado-do-censo-2022-e-analise-da-populacao-das-regioes-metropolitanas-rms-com-enfase-na-rmgv>. Acesso em: 23 abr. 2025.
- IRIART, J. A. B.; CHAVES, J. C.; ORLEANS, R. G. DE. **Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação**. Cadernos de Saúde Pública, v. 25, p. 773–782, abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Zsg5mPyZ5M5m4NdZKT8Bb6L/>. Acesso em: 14 de Abril de 2025.
- MUZA, G. M. et al. **Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). I - Prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância**. Revista de Saúde Pública, v. 31, p. 21–29, fev. 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/7DfWvyRhJ6gppy3TcGvBTKC/?lang=pt>. Acesso em: 15 de Abril de 2025.
- BRASIL. ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária. O que devemos saber sobre medicamentos. Brasília, DF: Anvisa, 2010. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/centraisdeconteudo/publicacoes/medicamentos/publicacoes-sobre-medicamentos/o-que-devemos-saber-sobre-medicamentos.pdf>. Aceso em: 16 de Abril de 2025.

LEITE, S. N.; VIEIRA, M.; VEBER, A. P. **Estudos de utilização de medicamentos: uma síntese de artigos publicados no Brasil e América Latina.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13, p. 793–802, abr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/mGHhJt8TGmFPT4SZwSsqnqh/>. Acesso em: 16 de Abril de 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Uso racional de medicamentos: temas selecionados.** Série A, Normas e Manuais Técnicos. Ministério da Saúde, 1º edição, 2012. Brasília, DF. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/uso_racional_medicamentos_temas_selecionados.pdf. Acesso em: 17 de Abril de 2025.

HORVATICH, G. **Quase metade dos brasileiros que usaram medicamentos nos últimos seis meses se automedicou até uma v.** Conselho Regional de Farmácia de Pernambuco, 27 de Abril de 2019. Disponível em: <<https://pe.cff.org.br/noticia/noticias-do-crf-pe/27/04/2019/quase-metade-dos-brasileiros-que-usaram-medicamentos-nos-ultimos-seis-meses-se-automedicou-ate-uma-v>>. Acesso em: 18 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Comitê Nacional para Promoção do Uso Racional de Medicamentos. **Uso de medicamentos e medicalização da vida: recomendações e estratégias.** Ministério da Saúde, 1º edição, 2019. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sectics/daf/uso-racional-de-medicamentos/publicacoes/errata-livro-uso-de-medicamentos-e-medicalizacao-da-vida.pdf>. Acesso em: 21 de abril de 2025.

SILVA, C. H.; GIUGLIANI, E. R. J. **Consumo de medicamentos entre adolescentes escolares: uma preocupação.** *Jornal de Pediatria*, v. 4, pp. 326–32, 15 de julho de 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/jBBwHrHk9QLkRwnV6fD87jn/?lang=pt>. Acesso em: 10 de junho.

LEE, Chun-Hsien et al. **“Inappropriate self-medication among adolescents and its association with lower medication literacy and substance use.”** *PloS one* vol. 12,12 e0189199. 14 Dez. 2017, doi:10.1371/journal.pone.0189199. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29240799/>. Acesso em: 10 de julho.

GODINHO, J. L. P. et al. Prevalence of self-medication and associated factors in adolescents aged 18-19 years: the 1997/1998 cohort in São Luís-MA, Brazil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, p. 3341–3353, 22 jul. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/74kwqntL6xCTJwTPNnqyV3j/>. Acesso em: 15 de julho.

BERTOLDI, Andréa Dâmaso et al. “Self-medication among adolescents aged 18 years: the 1993 Pelotas (Brazil) birth cohort study.” *The Journal of adolescent health : official publication of the Society for Adolescent Medicine* vol. 55,2 (2014): 175-81.

doi:10.1016/j.jadohealth.2014.02.010. Disponível em: [https://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(14\)00090-1/fulltext](https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(14)00090-1/fulltext). Acesso em: 18 de julho de 2025.

Carrasco-Garrido P, Hernández-Barrera V, Jiménez-Trujillo I, Lima Florencio L, Gallardo Pino C, Yeaman S, Palacios-Ceña D. Trends in the nonmedical misuse of benzodiazepines and Z-hypnotics among school-aged adolescents (2016-2021): gender differences and related factors. **Child Adolesc Ment Health**. 2024 Nov;29(4):345-354. doi: 10.1111/camh.12716. Epub 2024 May 22. PMID: 38778447. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38778447/> . Acesso em: 22 de julho de 2025.

OPALEYE, Emerita S et al. “Nonprescribed use of tranquilizers or sedatives by adolescents: a Brazilian national survey.” **BMC public health** vol. 13 499. 24 May. 2013, doi:10.1186/1471-2458-13-499. Disponível em: <https://bmcpublikealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2458-13-499> . Acesso em: 22 de julho de 2025.

OPALEYE, E. S. et al. Nonprescribed use of tranquilizers and use of other drugs among Brazilian students. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 36, n. 1, p. 16–23, mar. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/P5Fc9z4RsP4BZzjhv47htVv/?lang=en>. Acesso em: 23 de julho.

SUBRAMANIAN, S. V.; BELLI, P.; KAWACHI, I. The Macroeconomic Determinants of Health. **Annual Review of Public Health**, v. 23, n. 1, p. 287–302, maio 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev.publhealth.23.100901.140540>. Acesso em: 24 de julho de 2025.

BLASHILL, A. J.; SAFREN, S. A. Sexual Orientation and Anabolic-Androgenic Steroids in US Adolescent Boys. **PEDIATRICS**, v. 133, n. 3, p. 469–475, 2 fev. 2014. Disponível em: [10.1542/peds.2013-2768](https://doi.org/10.1542/peds.2013-2768). Acesso em: 25 de julho de 2025

LI, R.; LIU, Y.; LIAN, Q. Nonconforming gender expression and adolescent anabolic-androgenic steroids misuse. **Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health**, v. 18, p. 65, 6 jun. 2024. Disponível em: [10.1186/s13034-024-00761-9](https://doi.org/10.1186/s13034-024-00761-9). Acesso em: 25 de julho de 2025.

FLENTJE, A. et al. The relationship between minority stress and biological outcomes: A systematic review. **Journal of Behavioral Medicine**, v. 43, n. 5, p. 673–694, 1 out. 2020. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7430236/>. Acesso em: 25 de julho de 2025.

REIS, D. C. DOS et al. Health vulnerabilities in adolescence: socioeconomic conditions, social networks, drugs and violence. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 21, n. 2, p.

586–594, abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/MzVM7kLJynQ7xQK8ZQ9djVC/?lang=en>. Acesso em: 23 de agosto de 2025.

MCCABE, S. E. et al. Adolescents' Prescription Stimulant Use and Adult Functional Outcomes: A National Prospective Study. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 56, n. 3, p. 226-233.e4, mar. 2017. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC5462599/>. Acesso em: 24 de agosto de 2025.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. DE S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, p. 707–717, 1 set. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/gkX7PLctLG7ZB7w6VRzVznp/?format=html&lang=pt>. Acesso em 25 de agosto de 2025.

SILVA, M. A. I. et al. Vulnerabilidade na saúde do adolescente: questões contemporâneas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 2, p. 619–627, fev. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9bFqbrkRMXTCrrwXGHYvfMp/?lang=pt>. Acesso em: 25 de agosto de 2025.